Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

Um contexto favorável ao populismo no Brasil de 2018 baseado na análise do Informe Latinobarómetro 2018

Gabriel Menezes Resende

Brasília - DF

Agosto/2021

Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

Um contexto favorável ao populismo no Brasil de 2018 baseado na análise do Informe Latinobarómetro 2018

Gabriel Menezes Resende

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política, do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política sob a orientação do professor Frederico Bertholini Santos Rodrigues.

Brasília - DF

Introdução

Em 2018 o brasileiro escolheu Jair Messias Bolsonaro como presidente da nação e líder máximo que deveria governar o país pelos próximos quatro anos. No entanto, o resultado que se confirmou em outubro daquele ano era tratado com descrédito pelo menos até o início propriamente dito da corrida eleitoral. Isso porque, dadas as características do candidato vencedor, mesmo os mais antigos acadêmicos duvidavam da possibilidade de que um político como Bolsonaro pudesse, de fato, se tornar o maior chefe do país.

Contudo, talvez a surpresa e o espanto tenham se dado por não terem levado em consideração uma leitura aberta do cenário que se colocava à época, ou mesmo em virtude da falta de dados sólidos disponíveis no momento. De fato, para quem se acostumou com a intercalação de políticos tradicionais no poder por tanto tempo, teria sido difícil enxergar uma mudança tão brusca, que subverteria abruptamente a ordem do sistema e o *modus operandi* da política até então. Apesar disso, com moderação e comedimento seria possível ao menos cogitar que o quadro posto no Brasil era de uma total insegurança e fragilidade dos principais índices responsáveis por manter uma sociedade em bom funcionamento.

O Brasil não dispunha de bons indicadores, seja na economia, seja nas instituições políticas e nem mesmo na forma do sistema que nos rege, a democracia. A insatisfação social era, por assim dizer, crítica e demandava uma subversão, ao custo que tivesse de ser pago. Este preço foi imposto, e culminou na abertura de espaço a um fenômeno que só se vê surgir em contextos específicos, onde há crise e sentimento de urgência para a solução da desordem. O fenômeno que surgiria é o populismo, e que ascendeu na política brasileira como uma onda agitante com o apoio de 57,8 milhões de brasileiros que depositaram sua confiança em Jair Messias Bolsonaro, um parlamentar até então de baixo clero e sem grande relevância em feitos políticos.

Nesse sentido, este trabalho busca compreender o cenário brasileiro de 2018 à luz dos indicadores expostos pelo Informe Latinobarómetro 2018 com o intuito de entender se, guiados pela literatura, é possível traçar uma correlação direta entre a fragilidade do contexto brasileiro e a eleição de um candidato mundialmente tido como populista. À vista disso, até que se chegue à exploração dos dados que caracterizam o cenário de confianças e de percepções dos cidadãos, o trabalho antes passará pelas definições encontradas na literatura acerca do que se entende por populismo, líder populista e extrema-direita. Posteriormente, estes conceitos serão enquadrados no então candidato com o intuito de averiguar a congruência com o perfil de Jair Bolsonaro.

O método utilizado será o de *process tracing* com base nas definições de Collier (2011), uma vez que a metodologia em questão possui respaldo em pesquisas quando há o objetivo de se explicar um fenômeno por meio de inferências causais a partir de evidências diagnósticas. A análise discutida nasce da inquietação de se perceber considerável similaridade entre o que estudiosos do populismo dizem ser contextos propícios ao estabelecimento do fenômeno, e o cenário que se tinha durante o ano eleitoral de 2018.

Daí o intuito deste trabalho em analisar dados qualitativos de opinião dos brasileiros para se chegar em um, dos diversos possíveis argumentos, que explique a ascensão de Bolsonaro ao poder. Quase ao final, após apresentação dos dados e suas respectivas implicações, expomos o alinhamento estratégico de discurso entre o candidato e os anseios da população que, há tempos, já vinha evidenciando suas demandas. Por fim, concluímos que, levados em consideração especificamente os levantamentos do Informe Latinobarómetro, de fato houve um contexto favorável para que o populismo se estabelecesse na política brasileira a partir de 2018.

Populismo: o conceito

O populismo é um fenômeno conhecido e tem sido objeto de estudo em todo o mundo há tempo considerável, tendo aparições e ressurgimentos, ora eventuais, ora corriqueiros, em diversas circunstâncias. Galito (2017), acredita que o populismo é um movimento que se reinventa e "renasce em diferentes contextos, possuindo uma capacidade de sobrevivência e resistência à adversidade" (2017, p. 5). É um termo cunhado para descrever um conjunto diversificado de movimentos políticos em todo o mundo, sendo aplicado igualmente a partidos de direita na Europa, movimentos de esquerda (e atualmente também de direita) na América Latina, e ativistas anticorrupção na Ásia (Oliver e Rahn, 2016, p. 190). A notoriedade que possui o populismo é vinculada à época, à região e à ideologia de quem o incorpora, no entanto há quase sempre um padrão comum que pode ser observado: a tendência ao extremismo, o oportunismo e o caráter anti-sistêmico (Galito, 2017, p. 23).

Para Mudde (2017), o populismo reflete o amadorismo político e não profissional com a intenção de atrair a atenção da mídia e ser disseminado por ela (2017, p. 4); é um fenômeno antipolítico, uma promessa de solução imediata (Hermet, 2008, p. 174); e para Galito (2017, p. 23) se dá em razão ou consequência do caos instalado. Além disso, o populismo geralmente se mostra como uma opção ao bloco de poder ou ideologia hegemônica, e para isso mobiliza as massas à partir de grupos que não conseguem se impor

na coalizão de poder existente, passando então a criar um antagonismo contra o Estado com o intuito de viabilizarem a sua ascensão (Maitino, 2020, p. 7).

Em geral, o populismo contemporâneo possui três raízes principais de investigação e, na maioria das vezes, é entendido como ideologia, estilo ou estratégia política. O que não quer dizer que sejam categorias e vertentes totalmente consensuais entre os autores, ou excludentes entre si - podendo, sobretudo, serem complementares.

Para Gidron e Bonikowski (2013), o populismo enquanto ideologia política enxerga uma bifurcação social que separa um povo puro, de uma elite corrupta (2013, p. 17). Já o populismo na qualidade de estilo político ressalta características marcantes e que se repetem nos líderes, como: carisma, oratória cativante e o culto à personalidade. Por outro lado, a arrogância, a teimosia e os discursos agressivos contra os seus opositores também são traços presentes nessa retórica populista (Galito, 2017). Finalmente, o populismo estudado como estratégia política é o que enxerga uma contaminação das instituições democráticas pela ideologia adversária e, por isso, tenta enfraquecê-las (Galito, 2017).

O fato é que, como diz Laclau (2005), é possível observar diversas abordagens e divergências sobre o fenômeno, no entanto um dos pontos de acordo relativos às formas de populismo é que sempre se observa de um lado, um apelo ao povo e, de outro, uma reforçada crítica às elites (Laclau, 2005). Igualmente, Oliver e Rahn (2016), afirmam que apesar de assumir várias faces, o populismo repete como característica um estilo de comunicação política que busca materializar uma luta bifurcada entre o povo e a classe governante - que age em benefício próprio - onde o fim último é o de substituir a ordem corrupta existente para devolver ao povo o seu devido lugar (2016, p. 190).

Em suma, nessa relação de antagonismo, o povo, tido como bom, honesto e virtuoso, ao passo que a elite no poder, tida como corrupta, perversa e inimiga (Ricci, Moreira & Izumi, 2020, p. 14), nos direciona, portanto, às referências que orientarão a discussão ao longo deste trabalho como referencial mínimo e de convergência na discussão do populismo. Ou seja, em um cenário de várias abordagens do fenômeno em questão, teremos como base, primordialmente, o consenso estabelecido de que o populismo está inerente a uma dualidade ou maniqueização entre duas forças que se opõem, mas claro, sem se restringir somente a isto.

Populismo: direita x esquerda

Não há concordância sobre se o populismo pode ou não ser enquadrado como ideologia. Judis (2017), por exemplo, diz que o populismo não é uma ideologia, devendo ao contrário ser encarado como uma lógica política ou uma maneira de pensá-la (Judis, 2017, p. 15). Já Mudde e Kaltwasser (2017) vão dizer que sim, o populismo pode ser uma ideologia, mas também um movimento, e até mesmo uma síndrome (2017, p. 2). Fato é que o populismo sempre está atrelado a um campo ideológico, seja na direita, seja na esquerda, podendo ser observado em diferentes lados e contextos.

Nesse sentido, trazendo de forma bem simples, Galito (2017) afirma que o populismo enquanto fenômeno de direita "almeja defender a 'maioria silenciada' que não consegue afirmar a sua cultura ou que precisa ser protegida de uma ameaça exterior [...] É um fenômeno obcecado pela necessidade de recuperar ou reafirmar valores culturais, religiosos ou sociais, relacionados com a pátria e/ou a nação, a identidade, o reconhecimento e o papel de determinado povo no mundo" (Galito, 2017, pp. 10-11). Além disso, no campo da direita, o caráter populista é conservador, defende mais segurança e menos Estado, e prega uma luta de poderes (Galito, 2017, p. 12)

Por outro lado, e ainda para a mesma autora, o populismo de esquerda "surge no contexto de países com a maioria da população pobre, em desenvolvimento" (Galito, 2017, pp. 10-11). Além disso tem caráter progressista, vai lutar contra os monopólios privados, desejando mais Estado, mais liberdade, e pregando uma luta de classes ao invés de uma luta de poderes (Galito, 2017, p. 12).

No fim, seja um movimento de direita, seja de esquerda, haverão características análogas e presentes em ambos os lados, como o antagonismo pregado entre bons e maus, o radicalismo, o discurso de justiça social, a manipulação das massas e das suas expectativas, o programa político generalista e uma ideologia antissistema (Galito, 2017, p. 12). No entanto, o cerne que irá diferenciá-los se dará, como afirma Ianni (1989, p. 19), pelas "ações e defesas de grupos sociais distintos". Ou seja, as características essenciais de cada face do populismo se mostrarão visivelmente pelo público a quem se deseja dirigir o seu discurso. Tal qual partidos de direita e de esquerda se orientam e se reproduzem no espectro político quando se dirigem ao seu eleitorado, o populismo apenas irá apelar por meios e tons diferentes à sua audiência, atuando como uma ferramenta que é capaz de se moldar em cada ideologia.

Líder populista

O populismo não é um fenômeno por si só, e tampouco somente se divide em lados, ele precisa de um populista para se reproduzir - o líder. Este geralmente se apresenta como um lobo solitário, um *outsider* do sistema político, alguém que não é financiado por forças externas e nem possui o apoio delas. Além disso, Carone (2002) cita características de um líder fascista, mas que, para Barz (2020), podem ser semelhantes às de um populista, como: um homem de qualidades admiráveis - herói, íntegro e verdadeiro - mas, ao mesmo tempo, pouco abastado, tanto quanto o cidadão comum que o ouve. Tudo com a intenção de se fazer próximo psicologicamente do seu eleitor e gerar uma sensação de afinidade (Carone, 2002, p. 199; Barz, 2020, p. 34).

O populista acredita que a sabedoria se encontra alicerçada no povo, e não nos especialistas (Oliver e Rahn, 2016, p. 190). Para Canovan (1999), os "populistas em democracias estabelecidas afirmam que falam pela "maioria silenciosa" de "pessoas comuns e decentes" cujos interesses e opiniões são regularmente dominados por elites arrogantes, políticos corruptos e minorias estridentes" (1999, p. 5).

Dessa forma, o propósito do populista é o de se posicionar do lado da maioria, adotando o discurso de um lado antielitista, de outro, coletivista, com o fim de desafiar a ordem dominante e dar voz à vontade coletiva ao mesmo tempo em que prega um ar de urgência e proclama a existência de uma crise (Moffitt e Tormey, 2013). Observação essa reforçada por Charaudeau (2016, p. 107) ao dizer que o líder se apresentando como salvador traz um discurso que toma ares apocalípticos com a intenção de criar a sua imagem de vítima ao povo e satanizar os responsáveis pela crise evidenciada em seu discurso.

Adiante, Oliver e Rahn (2016), vão dizer que o populista geralmente emprega um estilo simples, direto, emocional e frequentemente indelicado. Tudo isso gera um ar de autenticidade aos seus seguidores, para passar a ideia de ser um político "diferente" (Oliver e Rahn, 2016, p. 191). No entanto, é exatamente pelo carisma apelativo e envolvente, que os líderes populistas encontram aberturas para recorrerem ao autoritarismo, desprezando as instituições democráticas e a institucionalidade da regra do jogo (Albernaz, 2019, p. 144).

Para Levitsky e Ziblatt (2018, p. 33), os líderes populistas tendem a dar positivo no teste do autoritarismo, negam a legitimidade de partidos estabelecidos - frequentemente os nomeando de antidemocráticos e anti patrióticos - mas tornando-se eles mesmos um risco à democracia. Além disso, Schwarcz (2019), contribui afirmando que esses líderes logo são convertidos em mito, que julgam falar no lugar de todos e por todos, e que seu autoritarismo possui bases no ultranacionalismo religioso e cultural (Schwarcz, 2019).

Por fim, Lincolins et. al (2018), conseguem resumir bem toda a discussão acerca da definição de um líder populista, e reitera o que foi elencado acima, dizendo:

> "o grande líder populista encarna a vontade do povo. É quase inevitavelmente um homem, com a capacidade de denunciar em palavras suficientemente agressivas os inimigos do povo. Com ou sem a ajuda do Estado, um culto à personalidade existe em torno do líder. Os ataques à oposição podem ficar só no verbal ou passar a diversos abusos ilegais, [..]. As eleições continuam, mas a distinção entre uma democracia dominada pelo populismo e um regime autoritário pode se tornar nebulosa" (Lincolins et al., 2019, para. 10-11).

A ascendência da extrema-direita incorporada em líderes populistas

Para Polyakova (2015), a extrema direita pode se caracterizar por uma ideologia anti-sistema e por uma oposição contra imigrantes e minorias, acreditando frequentemente que estão sendo ameaçados o seu espaço e a sua cultura. A autora vai dizer ainda que a combinação entre uma sociedade civilmente fraca, com insegurança política e econômica, e com baixa confiança e participação social poderiam favorecer a ascensão da extrema direita (Polyakova, 2015).

Nesse sentido, o mundo viu nos últimos tempos a ascensão da direita radical, ou extrema-direita, a partir do surgimento de uma oposição ao que chamam de "velha direita" e "velha política" - esta última representando uma crítica direta ao establishment. Ou seja, viu-se a aparição de um grupo, agora denominado de "nova direita", que, por definição, se coloca contra a esquerda em geral, e também contra a chamada velha direita no espectro político (Maitino, 2020, p. 6).

Existe, de modo geral, duas explicações para a ascensão da extrema-direita e que envolvem transformações: seja no campo econômico, seja nos valores culturais (Maitino, 2020, p. 7). De um lado, há os que se sentiram deixados para trás economicamente com o avanço da globalização e que, por isso, são captados pelos discursos populistas da direita radical. De outro, há uma reação cultural ao avanço da transformação de valores nas sociedades do ocidente (Maitino, 2020, pp. 7-8). Para Maitino (2020, p. 8), "ao se verem transformados em uma minoria social, conservadores tenderiam a adotar políticas de ressentimento e a se tornar mais autoritários, buscando "proteger seu modo de vida", o que os tornaria propensos a apoiar políticos populistas e reacionários".

Dessa forma, a extrema direita vinga nos últimos anos possuindo expoentes desde a Europa, como Andrzej Duda (presidente da Polônia) e Viktor Orbán (presidente da Hungria), até às Américas, com Donald Trump (ex-presidente dos Estados Unidos) e Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil e o foco deste trabalho. Nesse sentido, adiante nós adentramos na análise e discussão de um dos resultados dessas ondas populistas e de extrema-direita que surgiram recentemente no cenário mundial e que provocaram grandes mudanças na América Latina, mais especificamente, e de forma direta, no Brasil.

Bolsonaro: um populista de extrema-direita

Dadas as características até aqui levantadas, não fica difícil enquadrar o atual presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, como um líder populista de extrema-direita. Bolsonaro é um político que atravessou sete mandatos como deputado federal sem envolvimentos em escândalos de corrupção e, exatamente por isso, conseguiu se projetar como um *outsider,* ou político fora do sistema, que não negocia ou participa de conluios. Assim, mesmo estando inserido no sistema por décadas e se reelegendo por meio dele, Jair Bolsonaro incorpora o perfil *anti-establishment* e crítico da velha política.

Seguinte, é por meio do seu discurso que conseguimos encontrar um grande número de variáveis associadas aos líderes populistas. Com a transmissão de mensagens simples, diretas e de fácil entendimento e absorção pelo cidadão comum, o atual presidente do Brasil consegue reduzir a distância psicológica entre ele e o povo. Por isso, mesmo ocupando cargos ditos superiores no plano político, Bolsonaro passa a sensação de humildade e simplicidade, expondo sempre que pode as trivialidades do seu cotidiano e demonstrando ser um igual perante seus eleitores (Fischer & Vaz, 2020, p. 152).

Além disso, a postura do presidente de constante confronto contra os seus opositores é outra característica populista que impulsiona o antagonismo entre um povo bom e puro, que chamará de “cidadão de bem”, contra uma elite má e corrupta, representando toda a esquerda - e mais especificamente o Partido dos Trabalhadores (PT). Partido esse que, em virtude do reforço discursivo de culpabilização, permanece sendo responsabilizado pelos problemas do país mesmo após 5 anos fora do poder.

Nesta lógica, se valendo desse antagonismo, o cidadão de bem passa automaticamente a ser entendido como um cidadão de direita, moralmente conservador, de base religiosa tradicional, e contra toda e qualquer esquerda e seu respectivo projeto de “doutrinação política comunista” (Maitino, 2020, p. 13). Consequentemente, essa radicalização ideológica

coloca tudo que seja “o outro” ou discordante do pensamento do líder e de sua massa, como o inimigo, sendo o PT o principal alvo.

Assim, Bolsonaro, como um populista, se utiliza do antipetismo para ganhar força e vai adquirindo popularidade ao se mostrar não necessariamente pelo que é, mas muito mais pelo que não é (Fischer & Vaz, 2020, p. 153). Em seus discursos, ele denuncia e nomeia muito bem os responsáveis pela crise e pela degradação do bem-estar social, ao mesmo tempo em que se apresenta como a solução para esse caos. Dessa forma, é com ar de urgência que Bolsonaro demonstra ser o remédio para a questão econômica, institucional, de segurança, desemprego e ordem, para trazer o país de volta aos trilhos, tal como um salvador da pátria.

No entanto, não é exagero para a sua base tratá-lo como este salvador. Tal qual afirma Galito (2017, p. 26), se para uns o populista é o inimigo, para outros ele é o herói da população. Assim é Jair Bolsonaro, que entre seus eleitores é chamado de mito, um líder aclamado, cuja imagem passa a ser cultuada entre os seus seguidores (Barz, 2020, p. 33).

Quase ao fim, dado o acervo de características acima citadas, parece razoável enquadrar e entender Jair Bolsonaro como um líder populista da extrema direita, argumento esse corroborado por Albernaz (2019, p. 140), que se baseando em Mudde e Kaltwasser (2017), o enxerga como um homem forte, carismático, e que mobiliza as massas; bem como por Ricci, Moreira e Izumi (2020, p. 14) que, em seus recentes estudos, observaram em Bolsonaro um índice de 12,2% de frases populistas em discursos proferidos, dando a ele o posto de líder mais populista da República iniciada desde José Sarney, de acordo aos parâmetros e condições estabelecidas na pesquisa.[1]

Dessa forma, fica razoavelmente evidente que Bolsonaro reúne as principais variáveis de um populista, seja pelo seu discurso de grande penetração e mobilização das massas, seja pelo antagonismo que ele cria e alimenta no cerne da sociedade. Por outro lado, não esquecendo da sua componente direitista, é praticamente consensual entre os autores que a valorização do conservadorismo, o discurso anti-sistema e a retórica de ameaça aos valores tradicionais, tudo isso elevado ao plano do radicalismo, configuram Bolsonaro como um expoente da extrema-direita hoje.

---

[1] O estudo se deu a partir da análise dos pronunciamentos oficiais dos presidentes da república desde José Sarney até Jair Bolsonaro, com o intuito de identificar o grau de populismo por meio de técnicas computacionais e qualitativas de análise de conteúdo. Foram classificados como pronunciamentos populistas aqueles que haviam pelo menos uma frase que contrapusesse a posição central do povo, frente uma elite percebida negativamente. A análise dos discursos mostra que Collor, Lula e Bolsonaro são líderes populistas. Para mais detalhes, veja Ricci, Moreira e Izumi (2020), em “*Quão populistas são os presidentes brasileiros?*”. 12º Encontro da ABCP - Universidade Federal da Paraíba.

A ascensão de Bolsonaro

A América Latina viu, até meados da segunda década deste século (XXI), a dominação e a força perseverante da esquerda presente nos governos de seus países. Por outro lado, a direita não permaneceu estagnada, mas, ao contrário, passou a intensificar o seu trabalho estratégico e a construir um discurso que abraçasse o crescente número de eleitores insatisfeitos (Barz, 2020, p. 58). Muitos destes, já não se viam mais partes de minorias e nem sentiam-se necessitados dos assistencialismos que a esquerda promovia para que tivessem garantidos o seu sustento (Silva & Guedes, 2019, p. 12).

Para Landowski (2002, p. 118), após tanto tempo de dominação por um campo ideológico ou por políticos iguais e semelhantes, os eleitores tendem a se cansar de serem governados pelas mesmas cabeças. Assim sendo, dada a repulsa gradual que o eleitor vai adquirindo, é natural que em certo momento ele sinta a necessidade de uma substituição, não importando necessariamente os rumos que serão resultados. Dessa forma, segundo Landowski (2002), se após a derrota da hegemonia incumbente, a oposição que agora assume o poder sequer precisou de um programa de governo para ganhar, bastando se pôr como contrários, então o governo que sai tampouco precisou ter agido mal ou insuficientemente para que se deseje a sua substituição. Em analogia de Landowski, "tal como uma moda que passou e tenha sido, para que a moda seguinte seja bem-vinda", assim também basta que um governo tenha governado, talvez por repetidas vezes e tempo considerável, que se deseje a sua saída (Landowski, 2002, p. 118).

Nesse sentido, sob a lógica desse argumento, é possível dizer que a ascensão de Bolsonaro em 2018 muito se consolida pela rejeição ao seu antecessor, tido como o seu contrário, e cuja hegemonia duradoura já se arrastava com dificuldades no plano político. Isto posto, e como afirmado anteriormente, o bolsonarismo ao se alimentar de tudo que é contrário ao petismo, ganha adesão muito mais pelo que parece não ser, do que pelo que de fato é (Fischer & Vaz, 2020, p. 152).

Por isso, é perceptível que a ascensão de Bolsonaro em 2018 representa - após 13 anos de governo do Partido dos Trabalhadores (2003-2016), seguidos de 2 anos do tradicional Movimento Democrático Brasileiro (MDB) - uma subversão do *status quo* que se estabelecia na política brasileira desde o início da década de 2000. Ainda que Fischer & Vaz (2020, p. 153), discordem em determinada perspectiva ao dizerem que, se bem analisado, o ideário bolsonarista apresenta no máximo uma ilusória proposta de renovação do *status quo* quando

se considera a própria participação de Bolsonaro por décadas no sistema que ele mesmo declara corrompido e viciado, o que importa é que, a renovação, sendo ilusória ou não, representou, em alguma medida, um rearranjo no plano político - seja na orientação ideológica mais voltada à extrema-direita, seja na substituição dos partidos tradicionais no poder, ou seja no reposicionamento do populismo no quadro político brasileiro.[2]

A formação do bolsonarismo:

Uma ideologia cresce e ganha forma com a interação e o compartilhamento de imaginários, que vão se fortalecendo e formando discursos oriundos da sensibilidade comum, até que se tornam representativos o bastante para serem propagados e conquistarem determinados grupos sociais (Fischer & Vaz, 2020, p. 135). Por isso, como afirma Carone (2002, p. 113), quando se têm um contexto político corrompido e altamente fragilizado, é natural que surja um líder que se apresente como a solução para a desordem e que ganhe a adesão das massas que já estavam à espera de um redentor.

Laclau (2005, p. 255) afirma que o populismo, com seu caráter subversivo, encontra espaço justamente quando a ordem anterior foi abalada, trazendo consigo uma reconstrução razoavelmente radical e uma nova conduta. Assim cresce um líder populista que, em meio ao desgaste e abalo do cenário que se encontra, não precisa de um discurso técnico ou teórico para ganhar adesão, pelo contrário, com um público de baixo critério crítico, o líder na verdade se apodera da linguagem propagandística e da transmissão de discursos simples e cínicos para se consolidar cada vez mais no imaginário social (Barz, 2020, p. 51; Carone, 2002, p. 113).

No Brasil foi precisamente o cenário até aqui descrito que se colocava à mesa, e deu forma ao movimento que acompanhou a vitória de Jair Bolsonaro em 2018. O contexto político brasileiro apresentava uma guerra política de ódio mútuo entre esquerda e direita, gerando uma rivalidade ideológica de altos níveis de polarização e desestruturação política (Mattos, 2017, p. 24; Barz, 2020, p. 53). Nesse contexto, o bolsonarismo se consolida não em um partido, como é comumentemente visto, mas na própria pessoa de Jair Bolsonaro que cunhava o bordão “meu partido é o Brasil” e representava assim tudo o que fosse contrário ao

[2] A história brasileira indica o período de 1945 a 1964 como a época dos governos populistas no Brasil, tempo em que passaram pelo poder os presidentes: Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. No entanto, pode ser que o conceito populista utilizado para definir este período, não disponha da mesma profundidade do debate atual, sendo, portanto, questionável. Já na Nova República, a partir de 1985, segundo Ricci et al. (2020), temos como presidentes de determinados aspectos populistas Fernando Collor e Lula, que vieram antes do atual populista Jair Bolsonaro.

petismo, seja nas acusações de corrupção, seja até nas conquistas sociais alcançadas durante o governo do Partido dos Trabalhadores (Fischer & Vaz, 2020, p. 144). Era, e talvez ainda seja, um movimento que se retroalimenta e se fortalece denunciando o seu contrário.

Por isso, o bolsonarismo tal como genuinamente é, obteve espaço singular na história política brasileira dado que se aproveitou de um momento em que a política, desacreditada como estava, não deu lugar a discursos técnicos e de cunho científico que trouxessem soluções sólidas e embasadas. Ao contrário, ofereceu ambiente ao discurso simples e de fácil compreensão, que penetrou a maioria dos brasileiros se aproveitando do cansaço e da insatisfação do eleitor para alçar o maior posto de gestão do Estado brasileiro - a Presidência da República (Barz, 2020, p. 42).

Metodologia

Em 2018, entre 15 de junho e 15 de julho, o Informe Latinobarómetro recolheu dados por meio de questionários que levantaram em números percentuais os índices de confiança e de percepções dos brasileiros em diversos âmbitos, como no campo político, institucional, econômico e social. Todo esse arcabouço empírico e quantitativo nos fornecem, por meio de uma instituição de pesquisa renomada e confiável, e utilizada como fonte de dados pelos pesquisadores nas ciências sociais, um grande panorama capaz de nos direcionar para o clima geral de percepções e sentimentos que o brasileiro emanava em 2018.

A importância do relatório em questão, no contexto brasileiro, se dá justamente por ter sido desenvolvido e coincidido com um ano eleitoral, e que consegue apontar quais eram as questões mais latentes no imaginário brasileiro sobre o cenário político-social. Com os dados e índices levantados, se torna possível compreender os rumos que o Brasil à época teria tendências a tomar, e é por meio deste levantamento que, para muitos, fica plausível não se surpreender com o resultado eleitoral que se configurou ao fim de 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro. Dessa forma, a intenção a seguir é de contextualizar os dados emitidos no Informe e analisá-los de maneira um pouco mais aprofundada com a literatura qualitativa que aponta as condições que configuram contextos favoráveis à ascensão de líderes populistas.

No entanto, com o intuito de conferir maior solidez metodológica, é necessário evidenciar que o desenvolvimento da análise seguinte será baseado na metodologia do *process tracing,* ou mapeamento de processos. De acordo com Collier (2011, p. 824), o *process tracing* é uma ferramenta de análise com objetivo de fazer inferências descritivas e causais a partir de uma série de evidências diagnósticas que permite a identificação de uma

sequência temporal de eventos constitutivos de um fenômeno que se quer explicar. Em outras palavras, pretendemos entender se, a partir dos dados informados, a eleição de um populista de extrema-direita no Brasil em 2018, pode ser compreendida como consequência do contexto apresentado. Contexto este que tentaremos atrelar ao que a literatura entende ser favorável ao surgimento e estabelecimento do populismo.

Segundo Collier (2011), o mapeamento de processos pode contribuir para identificar novos fenômenos políticos e sociais e descrevê-los sistematicamente, bem como auxiliar na obtenção de informação sobre mecanismos causais (2011, p. 824). Collier (2011) também argumenta que esta metodologia é utilizada frequentemente por acadêmicos quando se pretende examinar dados qualitativos, mas que requer a localização de evidências diagnósticas que forneçam a base para inferência descritiva e causal (2011, p. 824). Nesse sentido, queremos compreender se o cenário de percepções e opiniões informado pelo brasileiro - enquanto inferência causal - condiz diretamente com a tendência de abertura e consolidação de um candidato populista, funcionando como evidência diagnóstica. A inferência passará, portanto, por um arcabouço descritivo do quadro político, social, e institucional com o objetivo de entender se isto explica, de acordo à literatura, o resultado obtido ao final da disputa eleitoral.

Um contexto favorável ao populismo baseado na análise do Informe Latinobarómetro 2018

Não é novidade para os estudantes e pesquisadores do populismo que a ascensão desse fenômeno requer um cenário chave para o seu surgimento, como: as condições políticas certas, a receptividade de uma audiência baseada em suas próprias queixas e predileções psicológicas e, claro, um líder populista carismático (Oliver e Rahn, 2016, p. 192). Neste ponto do trabalho, em se tratando do contexto brasileiro, possivelmente a existência de um líder populista carismático já tenha sido evidenciada na apresentação de Jair Bolsonaro. No entanto, quando se fala em variáveis que configuram um contexto favorável ao populismo, ainda nos falta debruçar sobre quais seriam as ditas condições políticas certas, bem como se havia uma audiência receptiva que demandasse eleitoralmente um personagem populista para governar o país após 2018.

Muitos autores aprofundam bastante sobre o lado da oferta de populistas, mas o campo dos que focam no lado da demanda ainda é trabalhado por poucos na literatura. Do lado da demanda, Hawkins (2018) vai dizer que as atitudes populistas apreendem um grupo

de crenças que são salientes no imaginário dos eleitores e podem ser ativadas pelo contexto, fortalecendo o apoio a partidos e políticos populistas. Argumento esse corroborado por Akkerman et al. (2017); Van Hauwaert & Van Kessel (2018) que também afirmam que a intensa presença de atitudes populistas nos eleitores permite que tenham maior possibilidade de votar em partidos tidos como populistas.

Nesse sentido, seguiremos abaixo com a tentativa de demonstrar uma correlação entre os dados empíricos levantados pelo Informe Latinobarómetro 2018 e o que a literatura sobre o populismo entende ser um cenário propício ao estabelecimento populista. Os dados qualitativos levantados pelo relatório no Brasil tiveram o apoio do IBOPE Inteligência e são frutos de exatamente 1204 entrevistas presenciais, amostra considerada representativa da população brasileira, e que forneceram uma margem de erro de 2,8 pontos percentuais para mais ou para menos (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 81).

Contexto geral de percepções do brasileiro em 2018

Para Hawkins e Kaltwasser (2018), a população de países em desenvolvimento tendem a ter suas inclinações populistas mais comumente ativadas em contextos de governos que apresentam falhas democráticas. Na mesma linha, Bethell (2018), afirma que uma crise da democracia representativa liberal favoreceria o avanço populista em eleições presidenciais. E é nesse contexto que se insere o Brasil de 2018, um país que liderava os índices de pessimismo com relação à democracia.

Segundo o Relatório Latinobarómetro, a satisfação com o sistema democrático no Brasil caiu de 49% em 2010 para 9% em 2018, um tombo de 40 pontos percentuais. Já entre 2013 e 2018, a crença dos brasileiros de que a democracia seria o melhor sistema de governo caiu de 81% para 56%. Além disso, 65% dos cidadãos disseram que a democracia tinha problemas, somando pequenos e grandes (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 30; 33; 37).

Ainda nessa linha, apenas 34% dos brasileiros apoiavam o sistema democrático em 2018, 41% eram indiferentes e para 17% sequer havia democracia (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 16; 30; 33). Dessa forma, segundo manifestação do próprio Relatório, em um país que as percepções acerca da democracia se encontram deterioradas nesse nível, evidenciando uma democracia vulnerável, é um lugar aberto ao surgimento de fenômenos populistas e "um país pronto para eleger um candidato que se coloca como fora do establishment, rompendo com todo o estabelecido." (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 33; 37).

———Adiante, a percepção de progresso no país pelo brasileiro em 2018 ficou em míseros 6%, mesmo percentual dos que declararam haver "boa situação econômica". Esses percentuais só não perdiam para a Venezuela entre os 18 países pesquisados na América Latina (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 4; 8). Já no âmbito político, em 2018, o Brasil liderava o ranking dos países latinos acerca do sentimento de que se governava para poucos, com um percentual de 90% (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 38). Em 2010, período ao final do segundo mandato do governo Lula, o Brasil atinge o seu ápice de 45% de cidadãos que acreditavam que se governava para o bem de todo o povo, mas cai continuadamente em seguida até chegar em 3% no ano de 2016, e estabilizar com leve alta a 7% em 2018 (Informe Latinobarómetro, 2018 , p. 40).

O panorama até aqui evidencia um cenário de descrença e descontentamento da população, mas continua. A percepção de justiça na distribuição de riquezas do Brasil é compartilhada somente por 8% dos cidadãos, e o nível de confiança interpessoal por uma parcela ainda menor, ou praticamente inexistente, de apenas 4% dos brasileiros. Este último indicador, segundo o Informe Latinobarómetro, é "uma medida de quão bem os países têm sido capazes de resolver suas principais clivagens, aqueles problemas que mostram divisões nas sociedades e que impedem a sua integração" (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 43; 46-47).

Com um nível de confiança interpessoal tão baixo, é possível presumir que há, no tecido social, uma fratura ou a consolidação de uma polarização iminente que já se evidenciava desde as eleições de 2014, e que dividiram o Brasil em dois lados.[3] No entanto, o dado alarmante que nos resta sobre o contexto geral de percepções do brasileiro em 2018, é justamente a taxa de aprovação do governo, à época de Michel Temer. Somente 6% dos brasileiros aprovavam a atuação do governo Temer, era o índice mais baixo dentre os países levantados pelo Informe e possivelmente o indicador que melhor sinalizava a insatisfação generalizada do brasileiro com o quadro político (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 44).

Contexto político e social

Alguns autores como Spruyt (2016) e Schwarcz (2019) acreditam que o descontentamento e o ceticismo com relação à política, associados à insatisfação com o

[3] A presidente Dilma Rousseff venceu as eleições de 2014 com 51,64% dos votos, ao passo que Aécio Neves ficou com 48,36%, evidenciando uma diferença de apenas 3,28%. Uma disputa tão apertada, onde pouco mais de 3 milhões de brasileiros decidiram o vencedor, já mostrava um cenário de grande polarização se consolidando à época.

contexto social, formam juntos um cenário propício de apoio ao populismo. Segundo os autores, políticos com perfis autoritários, oportunistas e que se colocam como *outsiders* - ainda que sejam políticos de longa data - pegam carona na demanda populista que surge a partir do incômodo universalizado com o contexto político e social.

De acordo com o Informe de 2018, em resposta espontânea dos entrevistados, os 4 principais problemas do Brasil e suas respectivas menções em porcentagens foram, na ordem, a saúde (21%), a corrupção (16%), o desemprego (13%) e a situação política (11%) (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 61). Isto significa, por exemplo, que 21% dos brasileiros acreditam ser a Saúde o principal problema do país, e assim por diante. Apesar de a corrupção não ter ocupado o primeiro lugar nas pesquisas, 73% dos brasileiros declararam perceber um aumento dessa prática; 62% acreditaram que o presidente e seus funcionários tinham envolvimento em atos de corrupção[4], e 59% disseram o mesmo para os parlamentares (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 62; 66-67).

Seguinte, quanto ao contexto social, 60% informaram possuir a preocupação de ficar desempregado, e 67% das pessoas no Brasil se auto classificavam na classe baixa - o maior índice dentre os países da américa latina (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 73-74). Neste ponto, o Relatório ressalta que "a democracia é falha em um país onde a maior parte da população se encontra na classe baixa" (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 74). No entanto, não para por aí, um dos índices mais sólidos, segundo o Informe, é o de satisfação com a vida, este ficou em 65% no Brasil, mas é um número que vem se enfraquecendo e isso pode indicar uma crise nos fundamentos essenciais da sociedade (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 68).

O contexto político e social do Brasil nos mostra um cenário de tensão e adversidade. Para Mattos (2017, p. 24), o discurso reacionário e o extremismo não possuem adesão popular em contextos normais, mas é justamente quando há instabilidade política e crises postas à mesa, que adquirem força (Barz, p. 43). Na mesma linha deste tópico, Bethell (2018) já corroborava antes das eleições a tese da possibilidade do surgimento de um populismo no Brasil dados os contextos de corrupção e consequente desilusão com o sistema político que estavam latentes nos brasileiros.

Ademais, Bethell (2018) ainda argumenta que os fatores econômicos, como baixa taxa de crescimento, desemprego batendo à porta, desigualdade persistente e padrões de vida

[4] A crença dos brasileiros tem sua razão. Temer durante seu breve governo foi acusado de corrupção passiva, obstrução de Justiça e integração de organização criminosa. Além disso, também foi citado em delação da JBS, ocasião em que divulgou-se áudio onde o presidente sela acordo com Joesley Batista, dono da JBS, para a compra de silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha.

ameaçados, também contribuiriam para o avançar do populismo (Bethell, 2018). Dessa forma, crises econômicas recorrentes e um tecido político e social rachado como o aqui exposto, reúnem as condições favoráveis à fé na redenção de um líder que viria para solucionar toda a fragmentação e preocupação social existente. Portanto, aos poucos ganha plausibilidade a tese da favorabilidade para a apresentação do populismo no cenário político brasileiro consideradas as circunstâncias acima.

Contexto institucional

Possivelmente um dos levantamentos mais importantes incluídos na pesquisa do Informe Latinobarómetro se deu justamente sobre a leitura do contexto institucional do país. Por meio dessa sondagem, o relatório consegue nos dar a chave para o entendimento de todo o cenário que tenderia a se desenrolar eleitoralmente nos meses seguintes ao fechamento da pesquisa. Os dados expostos à seguir explicam com considerável precisão os anseios e descontentamentos do eleitor brasileiro, traçando uma tendência, em especial com relação às instituições políticas.

1) Instituições políticas

Dentro deste campo, e de forma já direta, a percepção de confiança dos brasileiros no Congresso Nacional ficou entre os três menores índices apresentados dentre os países da América Latina, com uma pontuação de 12%. A confiança no governo atingiu de forma impressionante incríveis 7%, sendo o pior índice dentre todos os países levantados. Já com relação às instituições eleitorais, a porcentagem foi mediana se levada em consideração os outros Estados vizinhos, e alcançou 26% de confiança. (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 52; 54).

Para Doyle (2011), possíveis razões ao surgimento do populismo atualmente na América Latina são exatamente os níveis de desconfiança nas instituições políticas. Similarmente, Stavrakakis e Katsambekis (2014) vão reforçar essa ideia ao ponderar que em cenários de desconfiança política, de crise representativa e de uma inconstante ou fraca identificação partidária, formulam um contexto propício à consolidação eleitoral do populismo. Argumento esse também complementado por Algan et al (2018), que vão afirmar que o aparecimento de populistas na conjuntura eleitoral está conectado à desconfiança

institucional e nas políticas do sistema vigente, mas também em virtude da insegurança econômica e o aumento do desemprego.

Fato é que o Brasil definitivamente apresentava uma crise de legitimidade das instituições políticas do país, e com índices tão baixos de confiança é razoável esperar que um candidato que se colocasse como *anti-establishment* e contra toda a política vigente, como Bolsonaro fez, obteria considerável apoio eleitoral. No entanto, dentre os índices apresentados, ainda resta um que nos chama especial atenção. O percentual de confiança nos partidos políticos ficou em apenas 6% e esse resultado pode nos dizer bastante (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 52).

Um quadro em que há quase inexistente identificação partidária pode ser um contexto favorável à escolha política personalista, que leva em consideração individualmente o candidato em detrimento da ideologia partidária a qual ele estaria anexado. E seria exatamente esta situação que beneficiaria um líder que se coloca como anti-sistema e que sobrepõe a sua imagem à do partido que pertence, sendo, portanto, mais importante do que a sua legenda. Para Mair (2013), o populismo consegue espaço precisamente onde os partidos políticos fracassam, já que o eleitor, desconfiado das instituições partidárias que são parte do sistema, se apega propriamente nos atributos do líder.

Neste seguimento, Kaltwasser e Hauwaert (2020) afirmam que em uma conjuntura de descontentamento político, cresce uma espécie de homogeneização dos políticos e dos partidos tradicionais, o que os levam a serem retratados como iguais e, consequentemente, terem pouco apoio dos eleitores que, a essa altura de incompreensão, estão abertos aos apelos populistas. Isto porque, em desconfiando dos partidos tradicionais, e unidos ao discurso anti-sistema, os eleitores que tendem a votar em políticos populistas acusam os partidos de serem instituições contrárias ao povo (Roberts, 2015).

No Brasil, essa lógica aplicada explica muito. O Partido dos Trabalhadores (PT), em princípio, dispunha originalmente de certo apelo populista em seus discursos. No entanto, com o passar dos anos no poder, observou-se uma conversão desse discurso para o que Silva e Guedes (2019) vão chamar de “lógica administrativista-diferencial”, um termo para dizer que o partido passou a focar menos na retórica populista ou ideológica, para se direcionar ao aspecto mais administrativo de um governo. Todavia, para os autores, foi exatamente essa conversão que culminou no enfraquecimento do partido ao longo do período no poder e permitiu a ascensão de Jair Bolsonaro, uma vez que o PT se distanciou de sua base de apoio e já não conseguia atender bem às demandas populares (Silva & Guedes, 2019, p. 7).

Por fim, se observados os dados expostos acerca do grau de desconfiança política no Brasil em 2018, seja no Congresso, no governo e especialmente nos partidos políticos, o contexto que viria a ocupar espaço na política de Brasília fica plausível. Jair Bolsonaro soube usar o descontentamento a seu favor e, como um populista pregador do discurso *anti-establishment*, sobrepõe de tal forma a sua imagem à de sua instituição partidária, que quase não importava a quem ele estava filiado. O povo que representava a sua base se identificava com a pessoa de Jair Bolsonaro e pouco ou quase nada com o partido que ele era vinculado, uma legenda que servia pura e simplesmente pela exigência da formalidade. E é dessa forma que, segundo a própria literatura, o populismo ia reunindo condições chave para a sua consolidação.

2) Demais instituições

Ao passo que se vê uma clara corrosão nos índices de confiança sobre as instituições políticas acima, por outro lado, há outros dois que nos revelam também precisamente a coerência do resultado eleitoral de 2018. Bolsonaro sempre foi sabidamente um político reconhecido por duas grandes bandeiras, a defesa da Igreja - sempre colocando Deus em seus chavões e comparecendo publicamente à cultos - e a defesa das forças armadas, recorrendo sempre que pode ao seu título de capitão do exército e exaltando o regime militar de 1964 a 1985.

O perfil de Jair Bolsonaro é diretamente condizente com o que mais da metade dos brasileiros diziam defender ou confiar em 2018. O Brasil revelou um índice de 73% de confiança na Igreja e de 58% nas forças armadas - percentual esse que ficou entre os três maiores, só perdendo para Uruguai e Equador (Informe Latinobarómetro, 2018, pp. 48-49). Os dados evidenciam um encaixe preciso entre os discursos do atual presidente, e das instituições mais prestigiadas pela população, observados os diversos elementos levantados.

De acordo com Silva e Guedes (2019, p. 10), a elevada aderência dos cristãos às declarações de Bolsonaro contou com um vínculo facilitador encabeçado por lideranças religiosas de grande prestígio, como Silas Malafaia e Edir Macêdo, que abertamente indicavam ou defendiam o presidente como candidato ideal ou, indiretamente, demonizavam seus opositores. Logo, a penetração social dos discursos de Bolsonaro teve grande ampliação entre o público religioso, mais especificamente entre os protestantes, e conseguiu não só pavimentar a ascensão do presidente, como também consolidar uma base que, ainda hoje, se mostra forte e resiliente entre os seus apoiadores.

Na outra ponta, o apoio e defesa das forças armadas, bem como da instituição policial, foi outra bandeira que reelegeu Bolsonaro por sete mandatos como deputado federal. Nesse sentido, a população frustrada, desiludida e com medo pela insegurança e violência crescentes apegam o seu voto ao discurso que há muito tempo empenhava, pelo menos nas falas, uma defesa irrestrita do fortalecimento da segurança pública e das forças armadas. Valendo lembrar aqui, inclusive, que Bolsonaro não só é um aberto defensor do regime comandado pelos militares a partir de 1964, como também propôs em sua campanha dar salvaguarda jurídica a policiais que eventualmente matassem durante operação.

Todo esse contexto, aliado a um país em que 66% das pessoas usavam o whatsapp e 59% o facebook (Informe Latinobarómetro, 2018, p. 78), no mesmo período em que o candidato mais competitivo se utilizava exatamente de forma intensiva destas redes sociais para se comunicar com o eleitorado, resultam, inevitavelmente, na eleição do próprio Bolsonaro. Há, portanto, uma concordância explícita entre o método de campanha utilizado, e o respectivo sentimento da população, bem como as ferramentas que ela dispunha para se aproximar do candidato via mídias sociais.

Ou seja, temos aqui uma combinação de fatores políticos (corrupção, desconfiança, falta de representatividade), fatores econômicos (desigualdade, recessão, desemprego), um alinhamento de discurso às instituições mais prestigiadas pela população (igreja, forças armadas, polícia) e, por fim, um intenso uso das mídias sociais para comunicação direta com o eleitor, sem intermediação de veículos tradicionais, que nos permitem entender a vitória do populismo de direita radical no Brasil em 2018. Todo esse contexto nos mostra não só os caminhos que deram abertura ao populismo, como também caracterizam o seu tipo, neste caso, de direita, radical, religioso e conservador.

Alinhamento de discurso aos anseios da população

De acordo com os dados apresentados pelo Latinobarómetro, e considerando a dinâmica de campanha utilizada pelo candidato que viria a ser vencedor nas eleições presidenciais brasileiras de 2018, observamos um alinhamento preciso com as expectativas da população. Aqui defendemos, no entanto, que esse ajustamento não se deu de forma pronta como se o candidato já fosse tudo aquilo que se demandava, mas como um processo que ocorreu de forma gradual e de escuta à população, seja em comícios, discursos públicos ou recepções nas ruas e nos aeroportos.

Para alguns autores, como Charaudeau (2016), o populismo pode ser entendido como um discurso e, sendo assim, os políticos que se utilizam dessa ferramenta optam por estarem populistas de acordo com o contexto que se apresenta. Na mesma linha, Parzianello (2019), vai dizer que "o populismo tem muito mais a ver com o modo como os discursos se articulam em torno dos anseios da população que como ideologia ou estratégia retórica de direcionamento ao povo, para o povo e em nome do povo, que tão fortemente marcaram governos ditos populistas, na visão clássica do termo." (Parzianello, 2019, p. 52).

Nesta lógica, Rooduijn (2017), complementa ao afirmar que o populismo consegue êxito não só quando há uma oferta de líderes populistas, mas também quando há demanda eleitoral para isso. Assim, o líder apto a ouvir as reivindicações da população e a transmiti-las como resposta aos seus anseios, dirá Parzianello (2019), que isto se trata de um movimento meramente recíproco, onde os indivíduos na verdade dizem ao líder populista o que eles querem, e o líder devolve o que pretendem ouvir (Parzianello, 2019, p. 61). É uma moldagem de discurso que permite um casamento relativamente ilusório entre a pretensão do populista e aquilo que a população está dizendo que quer escutar.

Charaudeau (2016) classifica os eleitores em flutuantes e não contentes, onde cada um adere ao populismo de uma forma. Os flutuantes são aqueles que se apegam ao discurso que promete resolver suas dificuldades cotidianas e que aderem ao populista por se sentirem desesperançosos em meio a crises políticas e sociais. Já os não contentes são eleitores sensíveis ao líder carismático, não importando o espectro ideológico, seja de esquerda, seja de direita, mas o discurso que consegue denunciar os responsáveis pela crise e prometer uma subversão ao sistema vigente (Charaudeau, 2016, pp. 55; 61).

Por fim, olhando agora para o contexto brasileiro, e se valendo de todo o exposto, Mattos (2017), antes de 2018, já considerava que o Brasil estaria à espera de um salvador da pátria, exatamente como o que surgiria na pessoa de Jair Bolsonaro, um personagem que anunciava a crise e que se colocava como a solução para ela. O vencedor de 2018 aglutinou, portanto, os principais anseios da população em sua estratégia eleitoral e, sem tanto esforço, multiplicou exponencialmente seus eleitores em um movimento típico dos populistas, o de devolver em seus discursos as demandas que ouvia da boca do próprio povo nas ruas. Bolsonaro nunca foi de desenvolver raciocínios complexos, argumentações profundas e tampouco discursos técnicos, e em virtude disso reproduzia em seus pronunciamentos os chavões demandados pela população, ainda que, na prática, não fossem problemas simples de se resolver. O fato é que, sabidamente, o presidente soube dar ao povo aquilo que se queria ouvir.

Considerações finais

O presente trabalho se dispôs a entender o contexto brasileiro de 2018 e a tentar enxergar as condições que promoviam espaço para o populismo, passando pela conceituação do termo, seus consensos e dissensos, abordagens, espectro ideológico, expoentes contemporâneos e, mais especificamente, sua análise no quadro brasileiro. Identificamos, por meio da literatura, as características de um líder populista e da extrema-direita e aplicamos ao perfil de Jair Bolsonaro com vistas a compreender a sua convergência com os pressupostos populistas. Em seguida, destrinchamos os dados do Informe Latinobarómetro 2018 na intenção de compreender o contexto brasileiro em seus aspectos políticos, econômicos e sociais e averiguar se a disposição do quadro promovia um contexto favorável ao estabelecimento do populismo na política brasileira.

Ao final, percebemos que dentre todos os levantamentos, possivelmente o quadro institucional no Brasil, revelava a chave para compreender os rumos que o país tinha maiores tendências a tomar. O brasileiro não tinha confiança no Congresso Nacional, no governo em exercício de Michel Temer e, principalmente, nos partidos políticos que atravessam um período de desgaste tão elevado que passaram a ser tratados como igualmente ruins pela população, independentemente de seus espectros ideológicos. De acordo com o que a literatura sobre o surgimento do populismo apresenta, existem argumentos razoáveis para evidenciar que o Brasil dispunha de uma propensão ao surgimento desse fenômeno. Fato este que se consuma no resultado eleitoral de um líder mundialmente tido como detentor de aspectos populistas.

Bolsonaro conseguiu se posicionar precisamente no tempo e na história para que o povo o escolhesse como líder e presidente. As condições se traçavam, e ele se colocou exatamente onde devia, se mostrando como a saída para os problemas do Brasil e alçando o governo com 55,13% de apoio da população brasileira. É difícil dizer que a sua ascensão era previsível, porque ainda assim o PT obteve uma votação expressiva (44,87% dos votos válidos). Mas, certamente, era possível afirmar que a ascensão de Bolsonaro tinha condições históricas e institucionais favoráveis para ocorrer. Há muito tempo o Brasil não passava por uma crise de confianças tão generalizada e em tantas áreas da sociedade, por isso, o que o presidente fez, foi aguardar o momento até que sua ascensão não fosse mais desacreditada, mas com viabilidade real de vitória.

Não obstante, entendemos que o assunto ainda pode e deve ser mais aprofundado, uma vez que a análise aqui presente levou em consideração apenas as percepções dos cidadãos e sua correlação com o resultado eleitoral. No entanto, há que se lembrar que houveram fatores que impulsionaram o apoio eleitoral ao candidato vencedor e que não tinham correlação direta com o apoio ou a demanda pelo populismo, como a facada que o presidente sofreu em visita a Juiz de Fora (MG).

Por fim, ainda há que se investigar o assunto posto com mais afinco por meio de análises quantitativas, haja vista que a maior parte da literatura ainda foca nos aspectos qualitativos, e não possui consensos de mensuração sobre o populismo. Aqui expomos uma análise baseada no método de *process-tracing,* mas enxergamos uma diversidade de possibilidades relativas ao tratamento e manipulação de análises, em especial com os dados dispostos pelo Latinobarómetro para além do Informe de 2018 que permitem investigações comparativas entre os países, o que tornaria interessante, por exemplo, um estudo mais abrangente do ressurgimento da direita e do populismo na américa latina. Dessa forma, podemos concluir que o populismo ainda é um grande campo a ser explorado, mas que com os longos anos de estudos já existentes torna-se possível entender, com razoabilidade, como a política se desdobra - em especial no mais recente caso brasileiro.

Referências Bibliográficas

AKKERMAN, A.; ZASLOVE, A. & SPRUYT, B. (2017). “We the people’or ‘we the peoples’? A comparison of support for the populist radical right and populist radical left in the Netherlands.” Swiss Political Science Review, v. 23, n. 4, p. 377-403, 2017.

ALBERNAZ, V. (2019). Análise das Características do Discurso Populista de Jair Bolsonaro nas Eleições Brasileiras de 2018. Observatório Político. Revista Portuguesa de Ciência Política. nº 12. pp. 131-146.

ALGAN, Y., BEASLEY, E., COHEN, D., & FOUCAULT, M. (2018). “The rise of populism and the collapse of the left-right paradigm: lessons from the 2017 French presidential election.”

BARZ, J. (2020). Democracia e Populismo: o discurso de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BETHELL, L (2018), “Populism In Brazil’, in Brazil: Essays on History and Politics”. London: Institute of Latin American Studies, 2018, pp. 175–94.

CARONE, I. (2002). Fascismo on the air: Estudos Frankfurtianos sobre o agitador fascista.

CANOVAN, M. (1999). Trust the people! Populism and the two faces of democracy. Political Studies 47 (1): 2–16.

CHARAUDEAU, P. (2016). A conquista da opinião Pública: como o discurso manipula as escolhas Políticas. São Paulo: Contexto.

COLLIER, David. (2011) Understanding process tracing. PS: Political Science & Politics, v. 44, n. 4, p. 823- 830, 2011a.

DOYLE, D. (2011), ‘The legitimacy of political institutions: explaining contemporary populism in Latin America’, Comparative Political Studie 44(11): 1447–1473.

FISCHER, S., VAZ, A. (2020). Populismo no Brasil de contrapositores: manipulação do autêntico e profanação do contrário. Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos. Volume 8, nº 1. pp. 131-156.

GALITO, M. S. (2017). Populismo - conceptualização do fenómeno. Working Paper CEsA CSG 158/2017.

GIDRON, N., & BONIKOWSKI, B. (2013). Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda. Weatherhead Center for International Affairs, Harvard University, Working Paper Series, N. 13-0004, pp. 1-38.

HAWKINS, K. A., ROVIRA KALTWASSER, C., & ANDREADIS, I. (2018). "The Activation of Populist Attitudes". Government and Opposition, 1–25

HERMET, G. (2008). Populismo, democracia y buena gobernanza. Mataró: El Viejo Topo.

IANNI, O. (1989). A formação do Estado populista na América Latina. São Paulo: Editora Ática.

INFORME LATINOBARÓMETRO 2018. Corporación Latinobarómetro. 2018. Disponível em: https://www.latinobarometro.org/lat.jsp.

JUDIS, J. (2017) The Populist Explosion – How The Great Recession Transformed American and European Politics. Nova York: Columbia Global Reports

KALTWASSER, C. R., & VAN HAUWAERT, S. M. (2020). "The populist citizen: Empirical evidence from Europe and Latin America". European Political Science Review, 12(1), 1-18.

LACLAU, E. (2005). On Populist Reason. London: Verso.

LANDOWSKI, E. (2002). Presenças do outro:ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Perspectiva.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. (2018). Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar.

LINCOLINS, T., YAZBEK, L., & VASCONCELLOS, L. (2019). AH – Aventuras na História. Acesso em 07 de julho de 2021, disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-populismo.phtml.

MAIR, P. (2013), "Ruling the void: The hollowing of Western democracy." Verso Trade, 2013.

MAITINO, M. E. (2020) Populismo e bolsonarismo. Cadernos Cemarx, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e020002. DOI: 10.20396/cemarx.v13i00.13167. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167. Acesso em: 20 jul. 2021.

MATTOS, A. N. de. (2017). O livro urgente da política Brasileira.

MOFFITT, BENJAMIN & TORMEY, S. (2013). Rethinking Populism: Politics, Mediatisation and Political Style. Political Studies. 62 (2), pp. 381 - 397.

MUDDE, C., KALTWASSER, C. R. (2017), Populism: a very short introduction. Oxônia: Oxford University Press.

OLIVER, J.E., RAHN, W.M.(2016). Rise of the Trumpenvolk. The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 667(1), 189–206.

PARZIANELLO, L. G. (2019). O governo Bolsonaro e o populismo contemporâneo: um antagonismo em tela e as contradições de suas proximidades. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.36, p. 49-64, out.2019-jan.2020.

POLYAKOVA, A.(2015). The backward East? Explaining differences in support for radical right parties in western and eastern Europe. Journal of Comparative Politics, 8(1), 49–74.

RICCI, P., MOREIRA, D.C., IZUMI, M.Y (2020). Quão populistas são os presidentes brasileiros?. 12º Encontro da ABCP. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: https://www.abcp2020.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=3

ROBERTS, K. (2015). "Populism, social movements, and popular subjectivity". In The Oxford handbook of social movements, ed. Donatella Della Porta, and Mario Diani, 681–695. Oxford: Oxford University Press.

ROODUIJN, M. (2017), "What Unites the Voter Bases of Populist Parties? Comparing the Electorates of 15 Populist Parties." European Political Science Review. Stanley 2008;

SILVA, M. G., GUEDES, L. (2019). Populismo, presidencialismo de coalizão e os desafios da conjuntura brasileira: teoria política e institucionalismo na análise do fenômeno Jair Bolsonaro. Working Paper. III Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social, Populismos e Democracias.. Universidade Federal de Pelotas (RS). Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/legadolaclau/pt/eventos-anteriores/anais-do-simposio-pos-estruturalismo-e-teria-social-2019/sumario/gt-3-populismo-teorias-e-experiencias/artigo-da-silva-e-guedes/

SCHWARCZ, L. (2019). Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras.

SPRUYT, B.; KEPPENS, G. & Van DROOGENBROECK, F. (2016), "Who Supports Populism and What Attracts People to It?" Political Research Quarterly 69, no. 2 (2016): 335- 346.

STAVRAKAKIS, Y, and KATSAMBEKIS, G. (2014). "Left-wing populism in the European periphery: the case of SYRIZA." Journal of Political Ideologies 19 (2): 119–142.

VAN HAUWAERT, S. M., & VAN KESSEL, S. (2018). "Beyond protest and discontent: A cross‐national analysis of the effect of populist attitudes and issue positions on populist party support". European Journal of Political Research, 57(1), 68-92.